

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 119

11 DE ABRIL 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

## SUMMARY

**TEXTO** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Impressões, CANDIDO DE FIGUEIREDO — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — Salão de Quadros, MONTEIRO RAMALHO — As nossas gravuras — Apontamentos para a Vida do Diabo, DELFINO D'ALMEIDA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

**GRAVURAS** — Bellas Artes, Um lavadouro no extincto convento de Monchique, Quadro de Manuel de Macedo — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, Relicario do seculo XVI, pertencente ao Museu Nacional de Bellas Artes, Báculo da Sã de Evora — Marquez de Casal — Povo de Varam, Praia do Pescado — Casa onde falleceu o marquez de Sã da Bandeira, demolida para a abertura da Avenida da Liberdade — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

As festas da semana santa correram muito animadas em Lisboa, sob um sol de verão e um céu azul de saphira, mas foram annunciadas por uma chuva torrencial que encharcou no Domingo de Ramos, os devotos da procissão do Carmo, e por uma trovada ruidosa que na terça feira á noite aterrou toda a cidade.

Uma das faiscas d'essa trovada foi visitar o theatro dos Recreios e outra passeiou por dentro d'uma fragata amarrada ao Aterro, mas com tal geito o fez, com tanta delicadeza e precaução, que os dois tripulantes da fragata só deram pelo caso, pela manhã, ao acordar. A faísca tinha-lhes levado uns pedaços das velas, e uns objectos quaesquer de metal que havia a bordo, mas fizera esta palmariação com a ligeireza de mãos de um habil gatuno.

Depois d'esse valente temporal, o tempo serenou, as nuvens desapareceram, e o céu, com a sua pureza meridional, deixou as igrejas encher-se de fieis e os confeiteiros de gulosos, e deu mais uma vez ensejo a que se fizesse uso da bonita phrase «depois do temporal, vem a bonança.»

Deixemos portanto os devotos entregues aos seus officios e ás suas amendoas, e enquanto a população elegante da cidade devora padre-nossos nos Inglezinhos e bonbons no Baltresqui, ouçamos a terrivel historia tragica que os naufragos do vapor *Douro* contam aos reporters dos jornaes

de Lisboa, e que vale bem as paginas mais dramaticas dos romances de Cooper.

Na segunda feira correu em Lisboa a noticia de que o paquete inglez *Douro* da Mala Real, vindo do Brazil e saído do nosso porto em 31 de março findo, em direcção a Southampton, tinha naufragado no mar da Biscaia.

Dias antes, correrá tambem com insistencia em Lisboa a noticia do naufragio do *Gomes II* da carreira do Algarve, e felizmente não passára d'um boato sinistro.

Esta *fausse alerte* fez com que muita gente ligasse pouca importancia á noticia que corria a respeito do *Douro*.

Infelizmente, porém, o scepticismo lisboeta não tinha razão, d'esta vez.

A noticia foi em breve confirmada, e ao contrario do que costuma acontecer, os pormenores da catastrophe mostraram que ella era ainda muito maior do que o boato a fizera: o numero das victimas primeiro apresentado era de 15 e finalmente hoje sabe-se que esse numero foi de 23.

De todas as informações acerca do naufragio, a mais authentica e a mais dramatica, por isso mesmo, é a firmada pelo sr. Nickie, dono d'uma casa de commissões na rua do Crucifixo, que partira de Lisboa para Inglaterra a bordo do *Douro*, no dia 31 de março, e que na madrugada do dia 4 chegava de novo a Lisboa vindo de Corunha, onde desembarcaram todos os naufragos do *Douro*.

As 10 horas e 40 minutos da noite de sabbado, 1 do corrente, por um mar sereno, uma noite esplendida e um céu constellado de myriades d'estrellas, ouviu-se a bordo do *Douro* um grande estrondo. Todos os passageiros, uns já recolhidos, outros que estavam a deitar-se, correram assustados ao convez. O estrondo fóra produzido pelo abaloamento do *Douro* com o vapor hespanhol *Inac-bat*, que não se desviando como era seu dever, cahira sobre o *Douro*, despedaçando-lhe a escada de estibordo, levando-lhe os dois escaleres da ré do estibordo, e fazendo-lhe um grande rombo no costado da popa.

Quando os passageiros chegaram aterrados ao convez, encontraram lá já a officialidade do vapor, ordenando, com a maxima serenidade, os trabalhos de *sauvetage*, deitando ao mar os sete escaleres que restavam a bordo, e fazendo embarcar n'elles primeiro as senhoras, depois os passageiros, e depois a tripulação.

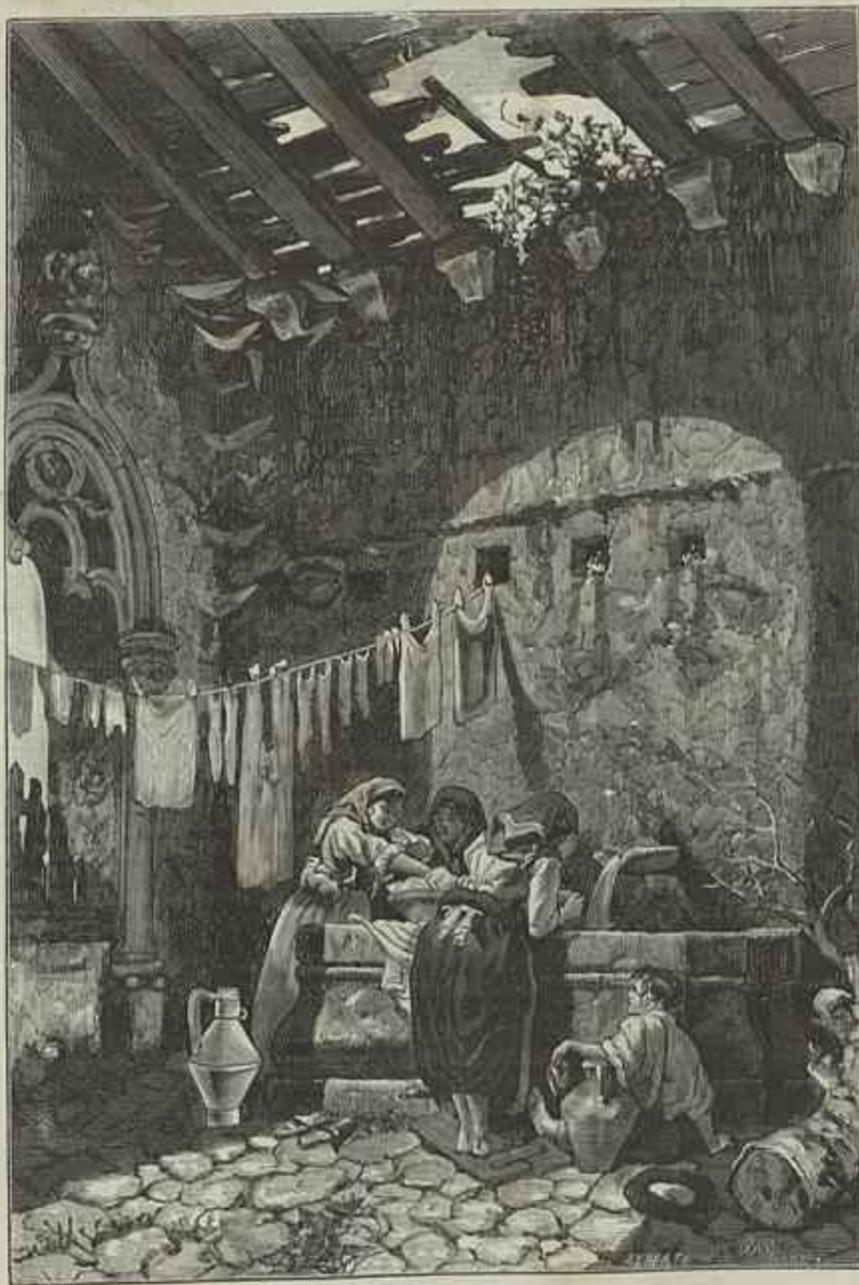
Não havia ali nem um grito de terror, nem o mais ligeiro tumulto: o commandante, com sangue frio perfeitamente britânico, dirigia o desembarque.

Um marinheiro aterrado, queria lançar-se no escaler das senhoras, para fugir á morte que o esperava a bordo.

O capitão Kemp, fê-lo recuar com um socco que o estenteu no meio do convez, e ninguém ali tugiou mais nem mugiu. As senhoras embarcam no primeiro escaler, nos outros os passageiros, e parte da tripulação. O capitão, os officiaes, e os engenheiros, ficaram a bordo, esperando a morte, porque não tinham já escaleres para os salvarem.

O procedimento d'aquelles bravos, foi deveras heroico. Aquelles homens que sabiam que iam morrer fatalmente, e que com a maxima tranquillidade

## BELLAS ARTES



UM LAVADOURO NO EXTINGTO CONVENTO DE MONCHIQUE

Quadro de Manuel de Macedo, pertencente ao sr. Luiz da Cunha Mancellos (Desenho do mesmo auctor)

dade, para não assustar os tripulantes, organisaram meios de salvação para todos menos para elles, são realmente colossaes nas épocas de egoismo em que vivemos.

Os engenheiros, mettidos na casa da machina, vendo a cada momento a agua a entrar pelo navio, e todas as esperanças de salvação a fugirem, e que tem a coragem de n'esse momento supremo e terrível, gritar para cima, para o convez, para animar os passageiros e permittir-lhes que embarcassem nos escaleres, sem o terror que podia perder tudo: «Não ha perigo! os rombos estão tapados! estamos salvos!» são perfeitamente uns personagens d'epopea.

Logo momentos depois da colisão, appareceu outro vapor hespanhol o *Hidalgo*, que recolheu a seu bordo, os naufragos do *Douro*, e do *Irrac-Bat*.

Mas fora tal a serenidade do capitão do *Douro* e da officialidade que os que fugiram do vapor, não suspeitavam o perigo eminente em que elle estava: e chegados a bordo do *Hidalgo* não se lembraram de mandar os escaleres immediatamente arrancar a morte áquelles heroicos martyres do dever.

D'ali a momentos de bordo do *Hidalgo* olhando para o outro onde estava o *Douro* já não o viram. O navio submergira-se com o capitão, engenheiros e officiaes.

Então, apressaram-se todos em ir procurar os pobres naufragos, mas já os não encontraram: estavam todos sepultados nas ondas, com o navio que lhes foi esquife.

Ignora-se ainda o numero de victimas que houve entre os tripulantes do *Irrac-Bat*, e mesmo entre os do *Douro* não se sabe ao certo, porque não se encontrando nenhum registo de bordo não se pode saber quantos passageiros faltam, senão pelas indicações que de memoria dão os naufragos que sobreviveram.

Dos passageiros, que faltam, ha tres ou quatro mortos, em condições extraordinarias.

Um, o commendador Camara, riquissimo capitalista portuguez que vivia no Brazil e em Lisboa, chegara do Rio de Janeiro no paquete *Douro*, com tenções de ficar em Lisboa, mas resolveu continuar viagem para Southampton, para não ficar no Lazareto de quarentena. Morreu, caindo ao mar, quando embarcava para o salvavidas.

Outra, uma criada ingleza, que tinha pedido para acompanhar os seus patões na viagem a Inglaterra, para ver sua familia, foi tomada de tal pavor quando viu o perigo que a ameaçava, que não houve forças humanas que a convencessem a saltar para o salva-vidas, e morreu a bordo juntamente com o capitão e os officiaes.

A catastrophe foi medonha. O *Irrac-Bat* tambem se afundou, morrendo muita gente da sua tripulação, mas salvando-se o capitão e officialidade. Depois de escrevermos a correr esta noticia, que o nosso dever de chronista nos obrigava a dar, como sendo um dos acontecimentos que mais profunda sensação causou em Lisboa, n'estes dias, chegam novos pormenores de todos os lados, ácerca do sinistro, e alguns d'elles alteram um pouco, aqui e ali as primeiras informações, mas em pontos de pouca importancia.

Ha porém uma questão importantissima, em que as versões se desencontram: é a que diz respeito á responsabilidade da colisão.

As primeiras informações atiraram toda essa responsabilidade sobre o vapor hespanhol *Irrac-Bat*; alguns dos ultimos fazem-na recair absolutamente sobre o paquete *Douro*.

Não sabemos qual das versões é a verdadeira, mas se é a ultima, o commandante do *Douro* expiou heroicamente a sua falta.

—Aproxima-se o centenario do marquez de Pombal, e a iniciativa brilhante da mocidade academica de Lisboa começa a pôr em grande movimento a actividade lisboeta, para que o centenario do grande estadista seja solemnizado com todo o esplendor.

Organisam-se já comissões por toda a parte para os varios festejos e começaram já as conferencias de propaganda sobre a obra do ministro de D. José, e a significação do seu centenario.

Uma d'essas conferencias tornou-se um acontecimento de Lisboa, tão notavel foi, e tão espontanea e desusada ovação valeu ao illustre prelector, que era o grande orador e eminente homem de letras, o sr. Pinheiro Chagas.

Essa conferencia realisou-se no Domingo de Ramos, no salão da Trindade, perante um auditorio enorme, vibrante de entusiasmo, durante mais de uma hora, sob a palavra elegante, eloquente e energica do illustre redactor do *Diario da Manhã*.

A respeito d'estas conferencias soubemos agora um facto extranho que nos faz scismar.

Para Domingo de Paschoa estava annunciada uma conferencia do sr. Theophilo Braga no salão do theatro de D. Maria. No sabdado d'alleluia á noite o governo prohibiu que a conferencia se realisasse no theatro de D. Maria.

Porque seria?  
A conferencia realisou-se, em vista d'essa prohibição, no theatro do Rato.

—Portugal começou a pagar a sua dívida para com um dos homens que mais relevantes serviços prestou á causa da nossa liberdade, o marquez de Sá da Bandeira. No dia 4 de abril lançou-se solemnemente a primeira pedra para o monumento que se vae erigir á memoria do illustre general, na Praça de D. Luiz, no Aterro de Lisboa.

A inscripção gravada n'uma lamina de cobre, para ser collocada n'esse monumento, é a seguinte:

AOB IV DE ABRIL DE MDCCCLXXXII  
REINANDO O SOBERANO FIDELISSIMO  
D. LUIZ I  
FOI COLLOCADA A PEDRA FUNDAMENTAL  
DO MONUMENTO  
ERIGIDO POR SUBSCRIPÇÃO PUBLICA  
Á MEMORIA  
DO  
GENERAL MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA  
COMO RESGATE  
DO QUE DEVIAM A PATRIA E A HUMANIDADE  
AO  
FENIDO DOS CAMPOS DE VIELLE  
AO  
GLORIOSO E NUTILADO DO ALTO DO BANDEIRA  
E AO  
BENEFITOR DAS RAÇAS AFRICANAS

—Sua magestade el-rei D. Fernando, presidente da commissão promotora da formosa Exposição de Arte Ornamental que tanta honra dá ao nosso paiz, offereceu um jantar no Paço das Necessidades, á commissão executiva da mesma exposição.

Esse jantar foi verdadeiramente um banquete real, e el-rei D. Fernando recebeu os seus convidados com a alta amabilidade d'um principe illustrado e d'um homem d'espírito.

El-rei D. Luiz recompensou os trabalhos d'essa commissão, agraciando com o titulo de conde d'Almedina, o sr. Delphim Guedes, inspector da Academia, e presidente da commissão executiva, e com o habito de S. Thiago todos os membros d'ella.

—Novidades theatraes houve apenas uma n'estes dez dias, mas essa de primeira ordem: a representação da opera comica de Lecocq, *O dia e a noite*, que teve em Paris um successo enorme, successo que se vae estendendo por todas as cidades da Europa onde a famosa opera comica é cantada.

Na Trindade o apparecimento d'esta opera já tão conhecida de reputação, coincidiu com o beneficio da actriz Anna Pereira, uma das nossas actrizes de mais talento, e com a estreia n'aquelle theatro da actriz Delmira Mendes, que fazia até agora parte da companhia do Principe Real do Porto, e que é uma actriz gentil, um talento gracioso, que alvoresce cheio de promettimentos.

A opera agradou muito: a musica é lindissima, e o desempenho é excellente por parte de Leoni, Queiroz, Portugal, Anna Pereira, Delmira e Maria Visconti, que dá a um pequenino papel de estalajadeira todo o encanto da sua formosura de mulher e de seus graciosos dotes d'artista.

No *Dia e noite* ha a notar com muito elogio, a esplendida vista de jardim, do segundo acto, pintada pelo excellent scenographo italiano o sr. Manini. A traducção, de Leoni e Garrido, é engracadiissima.

—Na ultima hora chega-nos de Paris a noticia tristissima da morte de Guilherme d'Azevedo, esse espirito delicadissimo que por tanto tempo encheu de primores as chronicas do Occidente, esse honrado e querido rapaz, que durante uns annos, que passaram rapidos, foi nosso bom e alegre companheiro nos trabalhos quotidianos do jornalismo de Lisboa.

Longe da patria, da familia, e dos amigos, Guilherme d'Azevedo, succumbio a uma doenca terrível, n'uma casa de saude em Paris.

Não é este o momento de apreciarmos com serenidade o illustre escriptor que as letras portuguezas acabam de perder: a apreciação do homem e do amigo está na tristeza profunda que a noticia da morte de Guilherme d'Azevedo espalhou por toda Lisboa.

A redacção artistica e litteraria do Occidente de que Guilherme d'Azevedo foi um dos fundadores, chora a morte d'elle como a d'um dos

seus confrades mais queridos e illustres, nós, pessoalmente sentimos essa morte como a de um companheiro honrado, de um irmão estremecido.

Gervasio Lobato.

## IMPRESSÕES

A infancia adora o bello! Um dia, minha filha foi ver a *Exposição*, a grande maravilha, o assombro da nação.

Á volta, diz-lhe a mãe:

—Conta-me cá, Lili: gostaste muito? Fala.  
—Gostei, maman; a sala que luxo! que esplendor! que lindas coisas tem!

Retábulos doirados encobrem, de alto a baixo, os muros desmedidos; e enorme profusão de estranhos coloridos ao magico salão inflora os quatro lados.

Paizagens da Suissa, altissimos rochedos, cascatas, palmeiras, campinas, arvoredos, claras fontes manando, e rios em caudaes;

deuses, heroes, e reis, a historia e a fantasia, tudo ali tinha voz, e como que vivia do impulso genial de divinaes pinceis.

Vi lá o Adamastor, o da esqualida barba e dentes amarells, Medêa e Satanaz e Nero, quadros bellos de grandeza e de horror.

Ha quadros de innocencia e mystica poesia: Paulo e Virginia ao pé das virgens de Murillo, o párocho da aldeia, a mãe que abraça o filho, a chôça do pastor, a boda, a romaria.

Ao fundo do salão, n'uma penumbra doce, ha um quadro perfeito de uma mulher gentil; perfeito, se não fosse um singular defeito.

Dizem que é Venus; seja. Em seu perfil airoso ha graças fascinantes; tem olhos coruscantes e cabello ondeado e farto e setinoso.

No entanto... o seu cabello alastra-se, fluctua, mas não a encobre; e assim Venus é um primor, talvez; mas para mim tem um defeito: é nua.

Candido de Figueiredo.

## EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XVI

Entremos na sala F. Esta sala encerra os objectos pertencentes a sua magestade el-rei D. Fernando e á sr.<sup>a</sup> condessa d'Edla. Não sabe a gente para que lado se ha de voltar, porque por toda a parte esta notavel sala apresenta objectos curiosos e magnificos.

Vejamos em primeiro lugar um lindo contador de ebano. Sobre algumas columnas assenta uma especie de templo, de estylo classico; é todo guarnecido de estatuetas e outros ornatos de bronze dourado, e parece obra dos fins do seculo xvi.

Por toda a parte, dispostos com gosto, apresentam-se muitos exemplares de louça de faiança; sendo muito numerosos os da nossa fabrica do Rato, creada pelo marquez de Pombal, junto ao deposito das aguas ás Amoreiras. Esta fabrica foi creada em 1761, sendo seu primeiro mestre o turinense Thomaz Brunetto, tendo por contra-mestre outro italiano, José Veroli, que mais tarde foi estabelecer outra fabrica em Bellas por sua conta, e isto dez annos depois, quando por causa do genio irrequieto de Brunetto foram ambos despedidos, ficando no lugar de mestre da fabrica e da pintura, Sebastião Ignacio de Almeida, e no de contra-mestre Severino José da Silva, com o

cargo de mestre do laboratorio de toda a obra de olaria. Era então a fabrica administrada pelo governo, depois passou a trabalhar por conta do mestre. Com algumas vicissitudes, durou até os nossos dias, e d'ella conserva o nome, a rua que do largo do Rato vai para as Amoreiras.

Vê-se, pelos artefactos que ella produziu na segunda metade do seculo xviii, quanto podia estar aperfeiçoada com boa direcção

## XVII

Diversos medalhões de Della Robia, do seculo xvi, representando varios santos, com molduras em alto relevo, de folhas e fructos, e isto de faiança. É notavel um que representa em alto relevo a divisa de D. João II de Portugal, isto é, o pelicano e a legenda — *Iustus vt palma florebit*.

Entrando-se a sala, á esquerda, ha uma bella pintura a óleo em panno, que representa meio corpo de uma dama, com outros accessorios. A pintura tem toda a frescura e transparencia de um verdadeiro retrato. É do pintor hespanhol D. José Mascarós.

Encontrámos diversos baixos relevos, algumas pinturas em madeira; mosaicos de Florença ou romanos, representando varios passos da vida da Virgem e uma cabeça de Christo.

Olhae o n.º 17, que é uma especie de tryptico formado por doze esmaltes de Limoges, com molduras de latão; assentes sobre madeira, representando os diversos passos da vida de Christo, segundo os Evangelhos. Pertence ao seculo xv, e é um bom exemplar do estado da arte n'aquelle tempo e n'aquelle cidade.

## XVIII

## BACULO DA SÉ D'EVORA

Entre os muitos primores que a arte produziu no seculo XVI, não é certo, dos menos interessantes e curiosos o baculo da Sé d'Evora.

A incuria ou pouca providencia dos nossos antepassados em colligir apontamentos sobre os diversos ramos da historia, arte ou industria, faz com que muitas vezes nos vejamos em trevas, ou nos tenhamos que lançar em um mar de conjecturas a proposito de qualquer assumpto, conjecturas que muitas vezes, e felizmente quando assim succede, veem a ser derruidas por um documento acaso encontrado, e que vem derramar a sua luz onde havia escuridão.

A respeito do baculo que a nossa gravura representa ainda estamos em duvida, pois se o seu estylo nos está indicando, como data da producção d'elle, o fim do seculo XV ou principios do XVI, a tradição nos leva a assignar-lhe como data provavel o meado d'este ultimo seculo, e a dar-lhe por proprietario o infante D. Henrique, arcebispo de Evora, Braga e Lisboa, cardeal e depois rei.

Seja como fór, o baculo é uma peça preciosa. A sua altura é a regular. A haste cylindrica toda canellada é terminada por um braço de fuste em prisma hexagonal limitado superior e inferiormente por um grupo de molduras, junto ás quaes estão engastadas, em duas ordens, doze pedras preciosas, correspondendo cada duas no sentido longitudinal a cada face do prisma.

Sobre esta parte levanta-se em forma aproximada de capitel lavrado de folhagens e baixos relevos outro corpo. As figuras que o guarnecem são um tanto de phantasia e em variadas posições parecendo sustentar o corpo que se lhe sobrepõe. É este um gracioso templo de dois andares a que serve de centro a haste do baculo. O andar ou parte inferior, figura uma arcada ou claustro gothico, rematado superiormente em folhagens, formando tudo uma especie de baldaquim. A cada face corresponde uma estatueta, sendo ao todo seis, os quatro evangelistas e dois apóstolos. O andar superior é mais recolhido da mesma architectura e gosto, tendo figuras apenas encostadas á haste central, as quaes são apóstolos e prophetas. Um pouco acima termina propriamente a haste por outro grupo mais estreito de molduras.

Nasce então d'ahi a voluta, ou cossa do baculo, que se eleva e curva lavrada em nervuras graciosamente esculpidas, dispostando de quando em quando em pequenos florões, fazendo lembrar os artezões dos tectos das igrejas gothicas. Cada um d'esses florõesinhos tem engastada uma pedra preciosa. Ao cabo proximo do meio circulo da volta termina esta em um grupo de molduras, e continua e recurva-se depois de se approximar á haste em um delicado grupo de folhas d'onde sahe uma especie de caule com embriçados. As pedras preciosas são maiores n'este ultimo ramo, terminando a saliencia inferior da voluta por uma

grande ametysta. A meio da volta inferior da voluta, a folhagem ergue-se formando uma peanha, sobre a qual se levanta uma estatueta da Senhora da Conceição. Não se pôde negar que o desenho e trabalho de toda esta peça sejam de bastante perfeição, posto que as estatuetas não tenham toda a delicadeza precisa; mas isso é commum a muitas obras d'aquelle tempo.

Tambem se não pôde saber se esta peça é originaria de Portugal ou de fóra. Por esse tempo não só havia no paiz ourives flamengos, italianos, hespanhoes e de outras procedencias, mas os reis e principes e grandes encommendavam muitas obras ao estrangeiro, o que torna difficil, quando lhes falta inscripção, dar opinião decisiva no assumpto. — Inclino-nos porem a que seja obra portugueza.

As pedras que adornam este artefacto são ametystas, esmeraldas, crysolitas etc.

É o n.º 83 da sala M.

## XIX

## RELICARIO DO SEculo XVI

Outro artefacto pertencente á mesma provincia, e hoje incorporado na Academia de Bellas Artes, para fazer parte do respectivo museu é o relicario, osculatorio, ou porta-paz, que por todos estes titulos é nomeado, que a nossa estampa representa.

A maneira tumultuosa, como foram recolhidos os bens dos extinctos conventos em 1834, faz com que laboremos em duvidas sobre a procedencia d'este bello especimen da arte de ourivesaria. Quando foi recolhido á casa da Moeda, trouxe apenas a indicação de haver pertencido a um convento do Alemtejo.

Por uma estatueta de Santo Agostinho que o adorna presume-se que pertencesse a algum convento da sua ordem, provavelmente o da Graça de Villa Viçosa, muito favorecido e patrocinado pelos duques de Bragança.

Este porta-paz mede de altura 0<sup>m</sup>,56 é de prata, pesando perto de 4 kilogrammas. O desenho é graciosissimo e o lavor precioso.

Ergue-se em forma de templo gothico formando um portico dois elevados columnellos terminados em delicados corucheos. A meio da sua altura, e na direcção em que se ostenta a imagem da Senhora, são ornados cada um de duas estatuetas representando S. Pedro e S. Paulo, Moisés e David.

Entre esses dois columnellos levanta-se um sóco corrido, de cujo plinto resaltam dois anjos em relevo, sustentando um escudete com as chagas a que serve como que de timbre uma corôa de espinhos. Da moldura mais elevada sahe uma especie de tita com as letras J. H. S. monogramma de Jesus.

De sobre este sóco ergue-se o tronco d'uma arvore, que alguns querem seja espinheiro, dividido em ramos que abrem para os dois lados, levantando-se em curva, sobre os quaes descança a Virgem sentada, com o menino em pé no regaço, servindo-lhe como que de supedaneo ou coxim a meia lua. Dentro de um arco abatido que forma o fundo do portico, outros dois anjos em relevo, sustentam uma corôa por cima da cabeça da Senhora.

O espaço entre os dois corucheos, é preenchido por uma especie de baldaquim aberto, formado por alguns troços de corucheos ligado por laçarias e folhagens do mais mimoso e engraçado desenho, d'onde sobem dois ramos que se curvam e recurvam até formar uma cupula proximo em ogiva, a que serve de remate a estatueta do padre eterno.

Dos dois lados do portico ha umas especies de nichos, ligados superiormente aos columnellos de que fallamos por uma imitação de botareos, e inferiormente por umas peanhas em laçaria, terminados exteriormente cada um por um columnello, semelhante, mas não igual em forma e tamanho aos primeiros, coroado por um corucheu na altura do corpo principal do porta-paz.

Sobre cada peanha ergue-se uma estatueta, maior do que as quatro já citadas.

A da esquerda representa Santo Agostinho com um coração na mão, e a da direita o evangelista S. Marcos com o leão, seu distinctivo.

O resto dos nichos são recheados por sendos baldaquins em laçaria que servem de docel aos santos.

Toda esta peça do mais perfeito gosto e delicado desenho, é trabalhada na maior perfeição.

Como dissemos do baculo tambem se não pode saber se é obra portugueza ou estrangeira; o que podemos assegurar é que o primor do seu trabalho honra a arte e os artistas que o produziram.

O periodo em que foi feito é evidente ser o seculo XVI, e provavelmente a primeira metade d'elle.

Vê-se e admira-se na sala M n.º 109 a.

R

## SALÃO DE QUADROS

(Conclusão)

O sr. Pinto, ainda luctando com ardor contra o demonio negro da educação antiga, pintou-nos splendidamente, no primeiro plano da sua *Paysagem de Setubal* (n.º 23), uma vinha extensa, com muita largueza e uma exactidão flagrante e perfeita dos tons varios, tanto do terreno barrento como das parras espessas e verdejantes; mas reparo, surprehendido, em que um homenzinho que passa pelo meio da vinha, é mais baixo do que algumas videiras tombadas. Anão, talvez? No segundo plano alastram-se grandes arvoredos verdnegros e compactos, d'uma bella côr, harmonica muito justa; mas reparo tambem — que diabo! — em que aquellas confusas massas de verdura estão tocadas com uma nitidez arreliadôra, por aquelle tão velho quanto deploravel processo das folhinhas recortadas, bordadas uma a uma n'um prodigio infeliz de paciencia. Depois de admirar um primeiro plano tão bem pintado, isto faz-me o effeito incoherente d'uma paysagem, de que metade fosse apanhada com vigor em frente da natureza, e outra metade arranjada com esmero dentro do atelier. Entretanto, com os horizontes vagos dos montes que lá bem ao fundo sobem para a atmosphera nublada e suavemente luminosa, este quadro é d'um conjunto agradável e attrahente.

No quadro intitulado *Quinta d'Aranguez*, sem duvida o melhor que Pinto expoz, ha um grande platano, de ramarias vigorosas que descem sobre um lago ondulante n'uma cascata fresca de folhagens espessas e emmaranhadas, o qual é superiormente tocado, de tal forma que deve decidir o artista a não fazer mais do que procurar sempre reproduzir fielmente nas suas telas o que a boa natureza lhe aconselhar, na sua generosa lealdade inconsciente.

O quadro do sr. Martins *Costume de varina* (n.º 20), não se gaba decerto d'uma execução perfeitamente moderna; pelo contrario, está tocado d'um modo acanhado e miudinho, que faz d'elle um exemplar correcto da conhecida pintura — *lambida*. Tambem não se pode dizer, afoitamente, que aquella figura de varina tenha caracter; mas não é feia nem pobre de plasticas bôas, e só é pena que se entregue assim idiotamente á contemplação prolongada e lorpa d'uma moeda de prata, com uma ingenuidade que lhe dá uma expressão risouha e terna de varina que leia romances infelizes, e saiba tomar poses sentimentaes. O que eu lhe admiro é o acceio meticulouso; é com certeza impossivel alguem ter uma canastra de peixe mais irreprehensivelmente lavadinha e como que polida. Entretanto, esta figura sympathica tem um certo relêvo, e o lado iluminado da cara, sobretudo, é tocado com bastante frescura.

Terminando, sinto uma necessidade expansiva de dar muitos parabens entusiasticos a todos estes excellentes rapazes, cujo trabalho energico e inesperado veio marcar poderosamente um progresso immenso e firme da arte nacional. — a pobre farroupilha que agora se vai atayjando alegremente de ricos trajos novos, garidos e amplos.

Monteiro Ramalho.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## UM LAVADOURO NO EXTINGTO CONVENTO DE MONCHIQUE

(Quadro de Manuel de Macedo)

A nossa gravura representa um dos quadros mais pittorescos do nosso collega o sr. Manuel de Macedo: um dos claustros do velho e historico convento de Monchique, transformado em lavadouro. No quadro ha as qualidades predominantes de Manuel de Macedo: o estudo perfeito e nitido do verdadeiro, e a observação minuciosa do artista perfeitamente moderno, alliados ao instincto do pittoresco e do artistico.

O quadro pertence ao sr. Luiz da Cunha Mancellos.

## O MARQUEZ DE CUSANI

A 12 de dezembro de 1879, foi encontrado morto na cama, na sua casa, solar de seus paes, em Carate Brianza, onde tinha ido passar alguns dias, o marquez de Cusani, que a nossa gravura representa, e era um dos mais serios e estimados homens de letras de Milão.

Francisco João Galeazzo Cusani, nascera n'esta cidade a 14 de novembro de 1802, sendo filho

começou a dedicar-se á poesia, escrevendo alguns trechos de occasião.

Continuou depois os seus estudos em Milão, durante os quaes procurou adestrar-se nas letras, traduzindo alguns romances de Walter Scott. D'ahi passou á universidade de Pavia, onde foi laureado em leis.

Em 1830 publicou uma miscellanea para os jovens. Em 1846 fez uma viagem pela Dalmacia, Grecia e Ilhas Jonias, de que publicou interes-

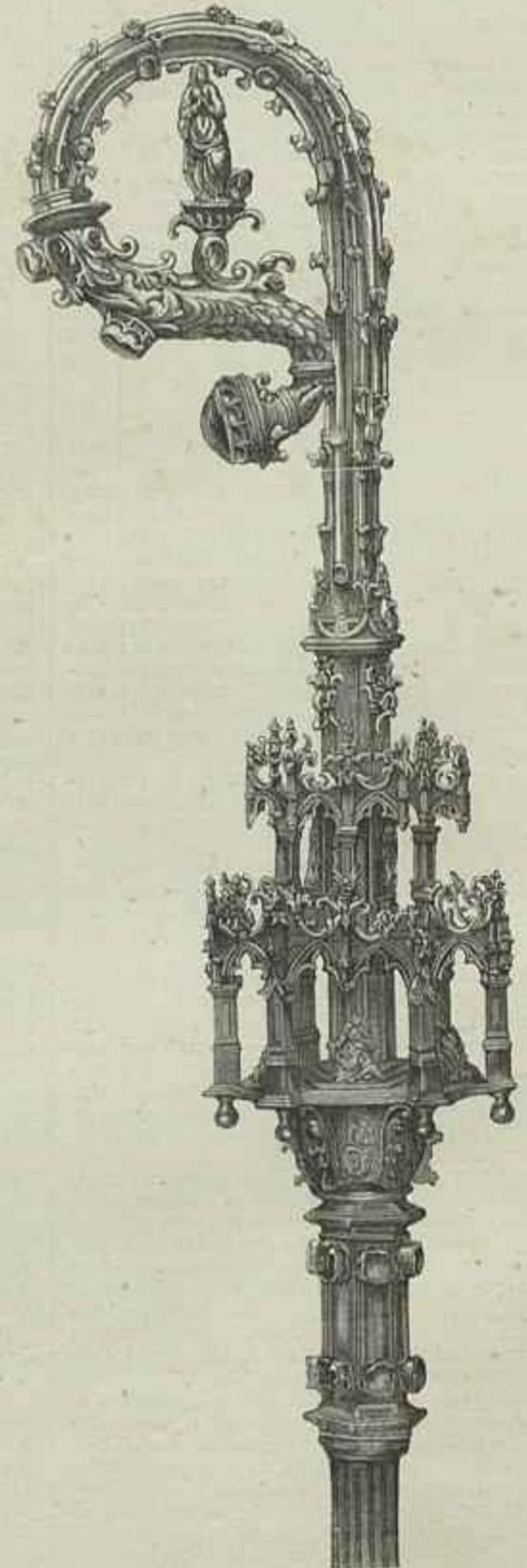
ficando para elle toda a gloria d'este grande trabalho.

O motivo porque o marquez de Cusani tem ha muito tempo um lugar destinado no nosso periodico, e que circunstancias obvias impediram que lhe fosse dado mais cedo, é por se ter occupado de um dos episodios mais interessantes e lamentaveis da nossa historia no seculo xvii. Todos sabem que por occasião da aclamação de D. João IV, se achava servindo em Allema-

## EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL, EM LISBOA



RELICARIO DO SECULO XVI, PERTENCENTE AO MUSEU NACIONAL DE BELLAS-ARTES



BACULO DA SÉ DE EVORA

do marquez Carlos Cesar Cusani Confalonieri, pertencente a uma das familias mais antigas da cidade, e de Branca dei Conti Visconti, ultimos descendentes dos duques de Milão.

Educado nos mais puros e saos costumes, fez os seus primeiros estudos no collegio de Gasta, onde esteve até aos quatorze annos, alcançando sempre brilhantes classificações. Por este tempo

santes relações. Em 1860 tambem publicou um opusculo sobre a Sicilia.

Em 1863 começou a publicar uma *Historia de Milão*, que infelizmente deixou incompleta, chegando só ao 8.º volume; mas como o auctor tinha colligido, durante longos annos, todo o material para o seu trabalho, brevemente será concluida, se o não está já, por outras mãos, mas

nha seu irmão o infante D. Duarte, cuja pericia militar era uma confiança para os portuguezes e um receio para os hespanhoes. Por isso estes trataram, por todos os modos, de apoderar-se da pessoa do infante, que não fôra avisado da revolução, o que poderam conseguir da inexplicavel ingratição do imperador Fernando III, sobre quem pesa por tal facto o stigma da Historia.

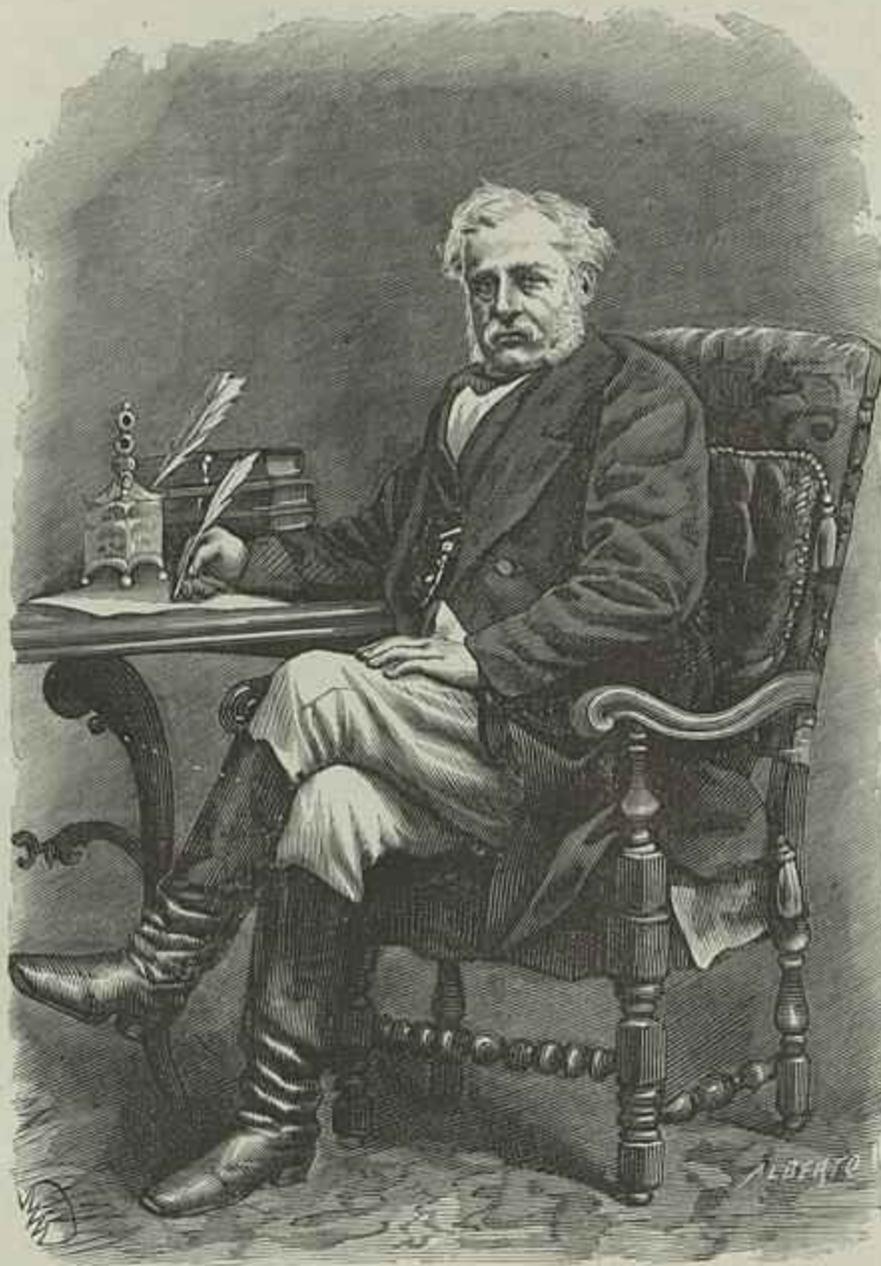
O infante D. Duarte depois de varias peripecias veio preso para o Castello de Milão, onde pouco tempo depois findou seus dias, não sem fama de ter sido envenenado. O Marquez de Cusani sympathisando com o caracter e sofrimentos d'esta nobre victima da ingratião e perversidade de seus reaes parentes, não só escreveu um episodio historico sobre este assumpto, mas procedeu a rigorosas pesquisas no Castello de Milão, para encontrar os restos mortaes do desditoso infante.

Durante muito tempo empregou os maiores esforços em varias tentativas, e quando lhe parecia aproximar-se do fim desejado, viu-se decabido das suas esperanças, sendo baldados todos os seus trabalhos, como se pôde ver no opusculo que publicou e tem por titulo *Don Duarte di Braganza, prigionero nel castello di Milano—episodio storico del secolo XVII—1871*. 8.º de 125 paginas, onde dá noticias ácerca do processo do infante até ahí desconhecidas.

É por isso, quando não fosse pela sua alta capacidade, que deviamos pagar esta divida de gratidão ao Marquez de Cusani.

O Marquez publicou ainda outros opusculos menores. Traduziu muito do latim, e deu ao prelo uma *Litteratura latina* desde a sua origem até á queda do Imperio do Occidente. Era versadissimo no inglez, traduzindo tambem alguns romances de Bulwer; conhecia perfeitamente o allemão, o grego antigo e moderno, de que colligiu um bom dictionario.

Estudioso e curiosissimo em coisas de historia era porisso frequentemente consultado pelos litteratos seus contemporaneos. Era homem de uma vida seria, grave, sobria e honestissima, viveu e morreu celibatario, honrado e respeit-



MARQUEZ DE CUSANI (Segundo uma photographia de Noël Vassena)

do de todos os que o conheciam.

Assim pagaremos o nosso tributo aos illustres estrangeiros, que se occupam com amor e justiça de nós e das nossas coisas.

#### POVOA DE VARZIM

##### Praia do Pescado

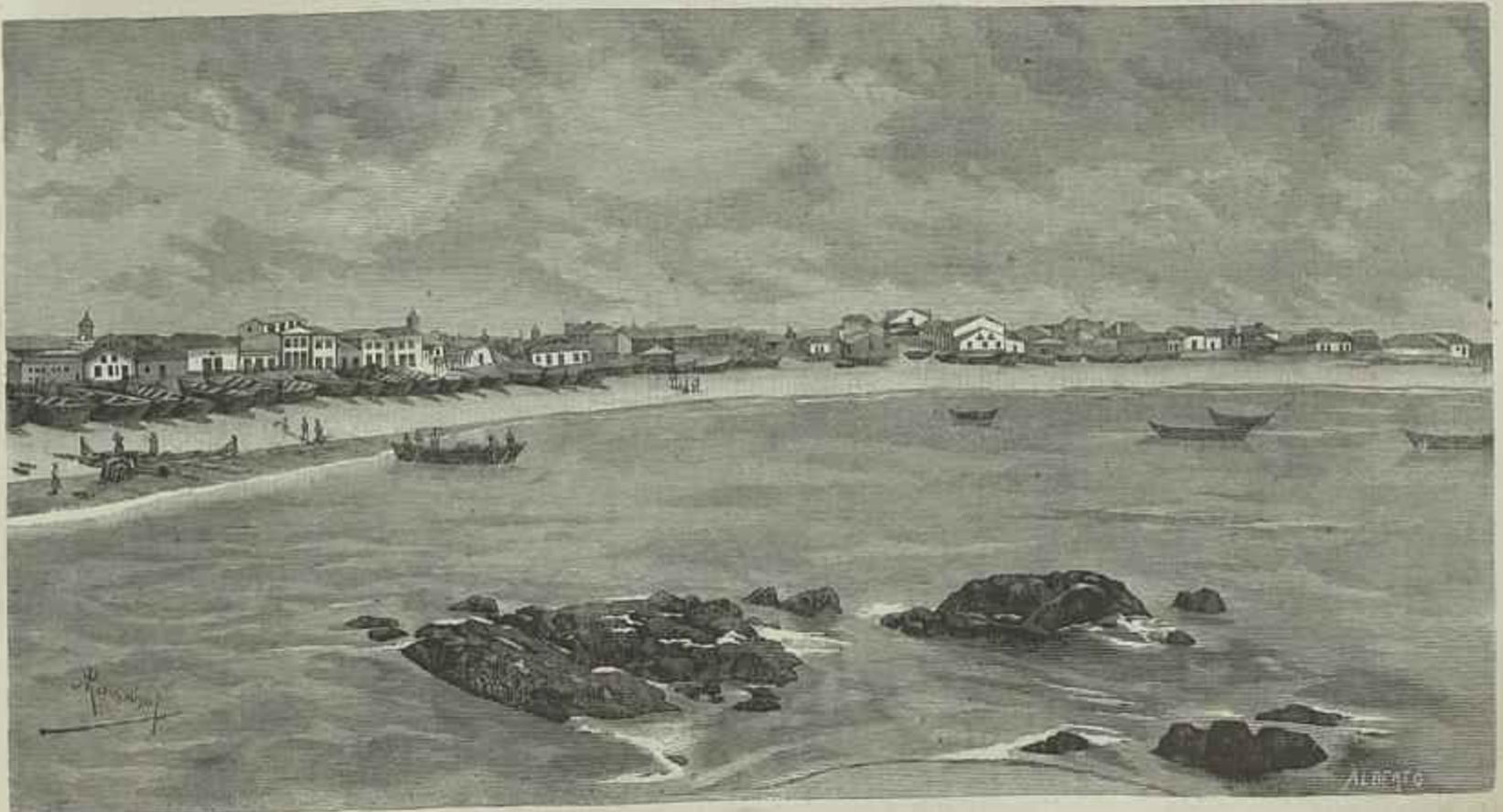
A povoa de Varzim é uma villa do Douro que dista 33 kilometros ao N. do Porto, é cabeça de concelho e de comarca com 3:500 fogos.

Situada na costa do Oceano Atlantico em 41º 22' de lat. e 13' de long. occidental, é uma povoação maritima e sobretudo de pescadores.

Esta villa, que ainda não ha muitos annos, era de pouca importancia, tem tomado nos ultimos tempos um grande desenvolvimento, já pelo augmento da sua industria de pesca, já porque é hoje uma das melhores praias de banhos procurada por nacionaes e estrangeiros.

A praia do Pescado, que a nossa gravura representa, é onde se effectua a venda das grandes pescarias que todos os dias ali aportam, e que são na maior parte exportadas para a cidade do Porto, provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira Alta.

A pesca é tão abundante e variada que só por si constitue o commercio d'aquella villa, absorvendo a maior parte da população no seu emprego e que d'ella vive. Uma estatistica que temos presente diz que sóbe a 2:600 o numero de pessoas empregadas na pesca, não contando aquellas que se empregam na construcção de barcos, fabrico de redes e mais utensilios que dá a somma de 7:000. O producto annual das pescas está calculado superior a 500:000\$800



POVOA DE VARZIM—A PRAIA DO PESCADO (Segundo uma phototypia da Casa Frits)

reís, incluindo as salgas para exportação. — A posição d'esta villa em frente do Oceano expõe-a nos maiores temporaes, em que são muitas vezes victimas os seus filhos, que no mar vão procurar as riquezas da pesca, e as scenas mais dramaticas, e os heroismos mais dedicados, ali se tem dado, quando os vendavaes desenfreados assolam a sua costa e veem provocar os laboriosos habitantes d'aquellas paragens.

Alli o celebre pescador Maio<sup>1</sup> tem praticado os seus mais denodados actos de dedicação, salvando a vida a tantos companheiros de trabalhos prestes a perecerem nos mais desastrosos naufragios.

A necessidade de um porto de abrigo é cada vez mais instantaneamente reclamada.

Para isso já em tempo se deu principio a um paredão, ao lado norte da praia, por iniciativa de Francisco de Almada e Mendonça, porem a obra não teve seguimento, e as vidas, a industria e a propriedade d'aquelles habitantes continuam á mercê do tempo sem defeza nem garantia.

Sabemos que ultimamente se tem feito estudos para um projecto de porto de abrigo, e oxalá se effectue esse melhoramento que os povos esperam com justificado direito.

Sucessivamente publicaremos outras gravuras d'esta villa, que nos darão logar a mais desenvolvidas noticias a seu respeito.

#### CASA ONDE FALLECEU

#### O MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

A religião dos povos modernos consagra nos seus annos o nome dos varões famosos, que durante a vida foram modellos de zelo, integridade e desinteresse, e que no exercicio das faculdades de que a natureza os dotou se elevaram acima do commum dos homens servindo a causa do bem.

D'aqui veiu naturalmente o desejo de consignar e memorar os sitios, os logares que lhe foram berço, por onde se lhes derivou a vida, e onde soltaram o ultimo alento. Estes recintos, naturalmente respeitadas, começam a ser venerados pela posteridade, como outros tantos templos sagrados e inviolaveis.

A mão do tempo porém, os abalos ou cataclismos da natureza, e as necessidades crescentes da vida dos povos nem sempre permittem a sua perpetua conservação.

Ha porém outro monumento mais duravel, que o esqueleto carcomido do homem, que a pyramide de marmore, que o bronze esculpido, é a

<sup>1</sup> Vid. OCCIDENTE vol. 4.º p.º 106.

### SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 116)

Elle foi andando para a porta em passos vacillantes, n'uma angustia mortal.

Antes de sair, lançou um derradeiro olhar saudoso em redor de si, como quem se despedia d'aquelles objectos todos que momentos antes considerava seus, e lembrou sentidamente que lhe pagassem os cinco mil e tanto despendidos com a finada, já que se lambiam com a herança d'ella.

Antonio Dourado todo ufano, soltou uma gargalhada escarnejadora, e disse-lhe com um modo quasi cynico:

— Olhe padre, alma que vae, não volta: se vossê largou esse dinheiro sem documento escripto, não está arriscado a perdê-lo, perde-o com lingua de palmo.

Era a inexoravel penna de talião.

Foi coisa fallada, e de grande espavento fúnebre o enterro de D. Monica.

Não se poupou o herdeiro ao pagamento d'essa divida de gratidão.

Já que havia feito estalar ao padre a castanha na bocca, queria agora como se costuma dizer entre o povo, achatal-o de todo, e mostrar-lhe bem quem era.

Fez elle proprio os convites em seu nome, e a persons de certa representação, foi pessoalmente entregal os, recommendando e pedindo que não faltassem a honrar esse acto com as suas presenças, levando, bem entendido, as veneras e respectivas ornamentações nobliarchicas, as fardas ricas, os chapéos de pluma, e as casacas do Keil.

escripta, o livro, onde a humanidade tem registado quasi todos os seus passos, quasi todos os nomes que lhe foram propicios ou desastroaveis.

De um varão prestante, que verteu o sangue no campo da honra pela liberdade da terra que lhe deu nascimento, que a honrou com escriptos valiosos de que ella colheria importantes resultados, que olhando os homens todos como irmãos pugnou e conseguiu dar aos que tinham côr diversa a liberdade, unico presente da natureza, já o nosso periodico se occupou em o n.º 28 do 2.º volume.

Hoje volta a inscrever o seu nome nas suas paginas, ao registar e consignar em gravura o projecto da casa em que findou seus dias.

O marquez de Sá da Bandeira falleceu a 8 de Janeiro de 1876, em Lisboa n'uma casa da travessa da Anataria, que a nossa estampa representa, e que está sendo demolida, por causa da construção do novo bairro, ficando em sitio muito proxima da rotunda terminal da Avenida da Liberdade.

Ha poucos dias, foi lançada a primeira pedra nos fundamentos do monumento que se vae elevar á memoria d'aquelle benemerito portuguez da praça de D. Luiz, é justo que ao demolir-se aquella casa, onde viveu os ultimos annos, fique memoria aos vindouros do local que ella occupava.

Seria conveniente que uma lapide assignalasse esse sitio, o que lembramos á meritissima Camara Municipal.

### APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

#### IV

É lá possível! O padre Antonio Vieira, o mais venerando, o mais auctorizado mestre da nossa lingua, padre, theologo, apóstolo, conselheiro de reis e... folhetinista! folhetinista elle! E coisa que se diga?!...

O senhores, mas então que idéa fazem de folhetins e folhetinistas? Querem á viva força que estes sejam uns petimetres ignorantes, carrascos da grammatica e do bom senso? Mas, com todos os diabos! quem assim fôr desastrado, é que nunca pode aspirar á dignidade de folhetinista... dignidade litteraria, então que dúvida? Pois não será o fazer a critica dos defeitos, dos ridiculos, dos vicios sociaes, mas alegremente, sem a carranca do moralista d'officio, com certa levandade judiciousa, com um risito de ironia cortante, ingenuidades cheias de malicia, a malicia da sa-

No seu furor pelas mundanas ostentações, até exigiu que dois collegas seus, com praça na real guarda dos archeiros, fossem com as suas fardas ricas, sem dispensar mesmo a propria alabarda!

Quando Antonio Dourado tomava qualquer coisa a serio, era assim.

Depois que se rissem d'elle.

O caso é que, á hora marcada, a loja, a casa, a escada, encheram-se de convidados.

Elle andava de um lado para o outro esfregando as mãos de contente, e piscando os olhinhos velhacos como quem diz:

«Olha lá como elles se chegam!»

Um conselheiro gordo que estava á bica para ministro, dissera a um collega, que já o fôra tres vezes, explicando a sua presença n'aquelle acto:

— E' um pobre diabo este Antonio, mas tem aqui muita influencia, e dispõe de duzentos votos.

— Dêmos graças a Deus, collega, emquanto os votos do Zé Povinho estiverem nas mãos d'estes tôlos inoffensivos.

E porque vissem approximar-se o pobre diabo, que vinha pedir-lhes o favor de pegarem a uma das bórlas do caixão, puzeram-lhe as mãos sobre o hombro e disseram-lhe protectoralmente:

— Estavamos agora a fallar de si, a elogiar a sua actividade, a sua finura: tem mesmo uma cabeça de estadista.

Antonio Dourado não se offendeu.

Era natural.

Pelo menos devia de saber que ha por esse mundo de Christo muito estadista burro, mas de tal modo manhoso, que não consente albarda, e ao contrario é elle que albarda o dono.

Na rua, a multidão de curiosos revia-se nos

tyra que se disfarça em idyllio, um diabrete a fingir de pomba... faz lá isto quem quer?

Não é essencial fumar charuto e usar bigode para ser folhetinista, e mesmo tanto faz trazer chapéo alto e badine, como carapuça e bengala; mas absolutamente indispensavel é ter espirito observador, a serio, e com elle o talento de saber dizer... esse é que é.

Eu não affirmo que o padre Antonio escrevesse, nos jornaes do seu tempo, chronicas do theatro lyrico, revistas da semana, ou coisa assim: qual jornaes, nem qual historia; no pulpito, nos sermões é que o bom homem se regalava de folhetinizar. Digam-me lá, se já viram nada mais folhetinistico do que isto:

«Até Christo teve a sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou as custas. E possível que não hade haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape ao castigo do papel? Chamei-lhe castigo, por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha que não seja ladrão marcado? Tirou-me o escrupulo de o cuidar assim, uma só historia de papel ou de papeis que se acha no evangelho. Conta S. Lucas, que certo senhor rico, tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o criado que lhe tiravam o officio, toma muito depressa os papeis, vae-se ter com os que deviam ao amo: e que fez com elles? Ao que devia cem cantaros de azeite, fazia-lhe escrever oitenta. Ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cincoenta. Pois esta é a fé dos papeis, tão acreditada? Para isto servem os papeis? Para isto servem: para de cem cantaros fazerem oitenta; para de cem fangas, fazer cincoenta fangas. Vêde se merecia o criado as marcas do papel! Mas se não houvera papeis, não tiveram taes occasiões os creados. Terrível flagello do mundo foi sempre o papel; mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome do papel, foi tomado das cascas das arvores, que em latim se chamam *pagyrus*, porque aquellas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio; depois deram em curtir as pelles, e se facilitou mais a escriptura com o uso dos pergaminhos: ultimamente se inventou a praga do papel de que hoje usamos. De maneira, que se bem advertimos, foi o papel desde seus principios, materia de escrever e occasião de esfolar. Com o primeiro papel esfolavam-se as arvores; com o segundo esfolavam-se os animaes; com o de hoje esfolam-se os homens. Oh quanto papel se podera encadernar com as pelles que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portu-

dourados da berlinda, e pasmava do reboiço do tendeiro.

Alguns chamavam-lhe brutinho com desdem.

A rapoza dizia das uvas a que não podia chegar, coisas menos proprias, porque lhe chamava verdes, vendo-as no mais apeteçivel estado de maturação.

Um bando de pobres pretendia evadir o estabelecimento, rompendo a larga fila dos convidados, de sorte que Antonio Dourado foi parlamentar com elles da janella, dizendo de papo cheio, que depois da saída do corpo, se dava esmola a todos.

A gaveta levava-lhe um sopapo de arromba!

Não se podia fazer maior ruido, nem mais barulho.

Só uma coisa contrariava o sr. Antonio Dourado, e vinha a ser não permittir a natural tristeza e seriedade do acto, que elle mandasse botar foguetes, e fazer estoírar alguns morteiros.

Então é que de certo acudia meio mundo.

Ainda assim, elle experimentava uma grande consolação, dizendo á mulher e aos caixeiros que estava tudo cheio.

De facto na rua o transito era diffeil; e a policia mantida com certa difficuldade por algumas dezenas de agentes da esquadra proxima.

Um borburinho enorme enchia o espaço. A distancia ouvia-se o pregão da agua fresca, e destacava-se de quando em quando o dito picante do garoto picareco.

Os boatos mais extraordinarios circulavam de bocca em bocca a respeito da herança do tendeiro.

Muitos consideravam-no já podre de rico; outros diziam com inveja que a agua corre

gal, porque em nenhuma se gasta tanto papel, ou se gasta tanto em papeis."

Ha perto de dois seculos que o jesuita lançava estas coisas do pulpito abaixo, nas barbas da côrte; façam o favor de me dizer, se com alguns ligeiros retoques para as accomodar a outra época e circumstancias, não fariam hoje essas linhas a reputação de um escriptor de espirito, um censor rigorosamente justo mas divertido, affavel, risonho, sem as grandes phrases austeras e massadoras dos moralistas de chinó, nem a galhofa dos pandegos, que morrem pela chalaça. O Garrett, que seria para mim o folhetinista portuguez n.º 2, se D. Francisco Manuel de Mello tivesse tido a cortezia de lhe ceder o lugar, mas que em todo o caso é um dos modernos escriptores portuguezes de mais apurado gosto e observação fina, o proprio Garrett não tem nos deliciosos prologos dos seus livros, nem nas inimitaveis *Diagens*, paginas superiores á que ahi fica transcripta... e foi sem escolha; está-me a parecer que no mesmo sermão de que ella foi extrahida ha melhor ainda. Ora ajuizem por mais alguns trechos que vou transcrever, e a cuja reminiscencia devo o regalo de ter relido mais uma vez todo o sermão. É a tal historietta do diabo a que alludi no final do artigo antecedente, e agora terei de resumir, para não abusar da confiança do esclarecido director do OCCIDENTE. Se os leitores preferiam a prosa do padre Vieira á minha, no que tem muitissima razão, e até eu a prefiro tambem, com uma abnegação que me faz honra; se antes queriam o padre... não se queixem de mim... não se queixem...

Mas vamos á historia. Começo por transcrever a parte em que o pregador mette as figuras em scena.

"Vi o propheta Micheas a Deus em conselho, assentado em um throno de grande magestade. Assistiam a Deus de uma e outra parte do conselho todas as grandes personagens das tres jerarchias: os thronos, as potestades, as dominações, cherubins, seraphins, etc. E diz o propheta que tambem veio o diabo a achar-se no conselho. Se n'um conselho do céu, onde o presidente é Deus, e os conselheiros anjos, entra um diabo; e nos conselhos da terra, onde os que presidem e os que aconselham, são homens, e talvez homens de muita carne e sangue; quantos diabos entrarão?"

Declarou o presidente, que havendo de ser castigado o rei Acab, com a perda da corôa e da vida, e sendo do estylo que os reis sejam enganados, para melhor seguirem o caminho da sua ruina, cuidando seguir o da salvação, quizera ouvir o seu conselho ácerca do modo por que deveria ser enganado o dito rei, e qual a

peessoa, ou pessoas, a quem poderia incumbir-se a empresa.

Ouvida a proposta começaram os conselheiros a discorrer sobre o caso, fallando cada um pela ordem da sua jerarchia.

"No ultimo lugar fallou o demonio, fallou breve, resumido, substancial e resolutivo."

Com as maiores demonstrações de respeito pela presidencia, disse lisamente, que o melhor meio de enganar Acab era fazer com que lhe mentissem todas as pessoas em quem elle tivesse maior confiança, como eram os prophetas; e quanto a estes, elle proprio, na sua qualidade de espirito da mentira, se incumbia de metter-se nas linguas d'elles.

"Até aqui o diabo. Ouvi agora, e pasmae. Não tinha bem acabado de dizer o demonio, quando Deus se conformou inteiramente com o seu voto, e não só lhe commetteu a empresa, mas seguiu a todos o successo d'ella. Ainda me estou benzendo, depois que isto li. Quem tal coisa creia, se a não affirmára Micheas, como testemunha de vista? É possível que no seu conselho sacratissimo e secretissimo, ha Deus de admitir o demonio? É possível que não só o ha de admitir e ouvir, senão que ha de approvar o seu voto e se ha de conformar só com elle, deixando o parecer de tantos anjos, e de tantos príncipes do céu? Sim. Porque a prudencia e obrigação do Senhor supremo, não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor: não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões: não é sommar os votos, senão pezal-os. E porque o demonio, n'este caso, votou melhor que os anjos, por isso se não conformou Deus com o parecer dos anjos, senão com o voto do demonio.

"Os anjos, com serem anjos, votaram uns assim, outros assim, como diz o texto; mas o demonio, vede que gentilmente votou. A gentileza de um voto consiste em duas proporções: em proporcionar o meio com o fim, e em proporcionar o instrumento com o meio. E tudo fez o demonio escolhidamente."

Continua o pregador demonstrando com admiravel engenho, e com aquelle prodigioso conhecimento da linguagem, que é o seu mais alto merito, e sem o qual nunca poderia fazer com que dessem tanto na vista os brilhantes dotes do seu espirito, continua, digo, a demonstrar como o voto do demonio obedece rigorosamente áquelles dois preceitos. Depois, conclue.

"O principal nos falta por advertir. Confor-mou-se Deus com o voto do demonio, e não com o dos anjos, porque o demonio votou melhor. Bem está. Mas, por que votou melhor o demonio do que os anjos? Por que tem mais

— Não sei como o meu homem consente um semelhante chinfrim, disse ella a um dos convidados que tinha subido a deixar o seu bilhete.

— Que chinfrim, minha senhora?

— Pois não viu a troça que fizeram aos padres! pouca vergonha! nada respeita esta pelintra.

E affirmou toda prognostica que se governasse, os ensinaria.

Afinal organisou-se o saimento funebre no meio de uma balburdia enorme de convidados que procuravam os seus trens, de povo que se acotove'ava, de mendigos que se iam chegando ao ponto, praguejando uns, soltando outros amargas queixas, brigando ás vezes e trocando entre si os insultos mais torpes e as obscenidades mais grosseiras.

No meio de tudo isto, destacava-se a vibrante voz do faia, mandando chegar as carruagens na sua algaravia pittoresca e original.

"Eh! ó Anão, chega ó Russo, ó lá! ó Salta paredes e o José das Malvas e toda a bella sociedade titular com assento na almofada de um coupé, de uma americana, ou de uma tipoia de praça.

D'ahi poz-se tudo em movimento por sua ordem, fazendo o povo alas e seguindo o prestito apparatusamente rua abaixo.

Antonio Dourado ia em carruagem da companhia, logo em seguida á berlinda dos padres, de cabeça estendida á portinhola, comprimentando a esmo para a direita e para a esquerda, como pessoa que se mostra e quer ser vista.

Em seguida iam os convidados nos seus trens, cujo numero um reporter de folhas baratas calculou a pedida de Antonio Dourado, em mais de cem.

sabedoria que elles? Não. Por que tem mais delgado entendimento? Não. Por que ama mais a Deus, e zela mais o seu serviço? Não. Porque deseja mais dar-lhe gosto, e prazer e adivinhar-lhe a vontade? Não. Pois por que vota melhor um demonio n'este conselho, que todos os anjos juntos? Porque a proposta e materia do conselho era da profissão do demonio, e não era da profissão dos anjos. A proposta e a materia do conselho era enganar Acab e fazel-o cair. E como a profissão propria do demonio é enganar e fazer cair o homem, por isso votou melhor e mais acertadamente que todos."

N'este officio de fazer cair os homens sei eu quem tem agora muito maior freguezia de que o demonio. Está-me lembrando, não sei porquê, a formidavel queda que deu o santo rei David, segundo referem as escripturas. Mas peor ainda succedeu a um collega d'elle, tambem propheta, Mahomet... A esse caiu-lhe uma pessoa da familia. Coitado! Elle nega, diz que não ha tal, brada contra os calumniadores... um cavaco serio que s. ex.ª dá! Podera. E quem sabe? talvez fosse boato falso, espalhado por *chatan*, o diabo mouro, inimigo fidalgo do propheta e da sua familia. Havia de ser isso.

(Continua).

Delphin d'Almeida.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

JORNAL DO DOMINGO n.º 6 de 2 do corrente. Vae já no segundo anno de publicação, este semanario illustrado com bonitos clichés estrangeiros. É uma boa propaganda em favor da publicação illustrada em o nosso paiz. Pena é que todos os assumptos das suas estampas sejam estrangeiros, o que fatalmente tem de ser, em consequencia do limitado preço da assignatura não permittir o publicar gravuras originaes.

<sup>1</sup> Sermão da sexta-feira da quaresma, pregado na capella real, no anno de 1622. Passim. É o primeiro do 5.º vol. da edic. de Lisboa 1858.

<sup>2</sup> No anno 6.º da hejira, regressando Mahomet de uma digressão contra a tribu de Mostalek, a mulher d'elle, Alecha, perdeu-se, proximo de Medina, e só no dia seguinte se reuniu á caravana. O propheta embatacou muito com o caso, não sabendo, diz-se, que partido havia de tomar. Ao cabo de um mez, declarou que tivera conhecimento, por meio de uma revelação divina, da innocencia de sua mulher. Essa revelação faz o principal assumpto do cap. 24 do al-koran. (Vid. Kasimirski, trad. do al-koran nota ao § 11 do citado cap.)

Nada faltou ao luzimento do funebre acto.

Nem a fallecida senhora calculara nunca em vida, que a sua celebridade começaria depois de morta, aliada ao nome do Antonio Dourado e devida em grande parte á influencia dos bons paizos que elle recebia de Lamego, e vendia por grosso e meudo, a preços sem competencia.

Pois eram ambos dignos d'ella.

No cemitério, o regedor quiz ditar *espiche* funebre, de arripiar as carnes aos vivos, e fazer chorar os mortos.

Custou muito a dissuadir-o, alegando-se para isso que não era proprio estragar elle tão boa eloquencia em assumpto que mais se prestava ao acrostico do que ao panegyrico.

Um homem politico não devia fallar nunca deante de gente, de outras virtudes estranhas aos grandes actos publicos da vida civica.

Que havia elle de dizer, se tratasse de enterrar os chefes dos seus partidos?

Quería ser agradavel ao Antonio Dourado? Tinha mil maneiras de se desobrigar d'esse compromisso, ou satisfazer esse capricho, sendo um d'elles, por exemplo, com certa vantagem para o thesouro publico, e era sollicitar do ministro do reino uma venera qualquer para o merceeiro, o habito de Christo ou o da Conceição, ou ainda qualquer outro, porque d'isso ha muito por onde escolher a vaidade humana a preços que não escaldam nem arruinam ninguém.

Estes argumentos eram irresistiveis.

O regedor calou-se para deixar que fallassem mais alto que as suas palavras, as suas obras.

(Continua).

LEITE BASTOS.

toda para o mar; em geral era opinião assente que se elle não tivesse dinheiro, não lhe faziam tanta festa aquelles grandos agaloados.

«Ora pois, já tufa o pão de rala».

Um dos compadres de Antonio Dourado, seralheiro e visinho, rompeu a multidão com verdadeira bravura épica, só para lhe dar um abraço e dizer-lhe isto:

«Tu és homem de uma cana, Antonio!»

Elle respondeu-lhe:

— É para que vossê veja, que uma pessoa quando tem algum prestimo, não lhe faltam nunca amigos.

Não se abraçaram porque o compadre vinha de quinzena de cotim, e elle estava com a sua casaca nova, e além d'isso deante de gente.

Gostava de guardar as conveniencias, que de resto elle era dado a mais não ser, sem impostura, muito capaz de ir a qualquer tasea beber com o compadre a sua pinga á saude da defunta.

Era homem para isso e não lhe caíam os parentes em deshonra.

Meia hora depois da marcada pelos convites, chegou o padre que devia acompanhar o corpo.

Vinha em berlinda a tres parellas.

Até ahi chegava a prodigalidade do merceeiro.

Quando a berlinda parou e os padres apelaram, alguns ociosos puzeram-se a gritar:

— Pum! pum!

Esta demonstração grosseira de uma pullice pelina, foi asperamente censurada pela mulher do merceeiro que fazia as honras da casa, e estava acompanhada por muitas senhoras da vizinhança, cujos maridos, pessoas aliás estimadissimas, tinham forte calote na tenda do sr. Antonio.

Entretanto a empresa tem-se desempenhado bizarramente dos compromissos que tomou para com o publico, e ainda ultimamente facilitou aos seus assignantes, por uma modica quantia, uma bella gravura de Pannemaker, desenho de G. Doré representando uma composição phantastica, em que G. Doré revela os grandes dotes da sua imaginação, e que se denomina a *Queda dos Anjos*.

**BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS** — *Chimica inorganica, illustrada com vinte e uma gravura, segundo anno, quarta serie* — Lisboa, David Corazzi, editor, Empresa Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52, 1882. É o n.º 27 d'esta importante e util publicação. Não se pode em tão pequeno espaço resumir uma sciencia tão vasta como a chimica, ainda a inorganica, que hoje presta tantos e eminentes serviços a todas as sciencias, e até aos principaes e mais quotidianos usos da vida; comtudo quanto se pode fazer, n'este sentido, está feito n'estas sessenta paginas, pondo ao alcance de todos a generalidade dos conhecimentos indispensaveis d'esta utilissima sciencia.

**GEOGRAPHIA MODERNA, NOVO ATLAS** contendo vinte e quatro mappas coloridos e um diagramma de termos geographicos. É um brinde distribuido pela *Empresa Horas Romanticas* aos seus assignantes.

O **INSTITUTO, Revista Scientifica e Litteraria**, Vol. XXIX fevereiro de 1882, 2.ª serie n.º 8, com artigos de sciencia e litteratura e um necrologio do distincto academico Luiz Garrido, ha pouco fallecido.

**DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ**, collaborado pelos principaes escriptores, editor H. Zeferino, Lisboa, Fasciculos 31 e 32 que alcança até a palavra *Astacario*. Vae em 1532 pag.

**COMEDIA DO CAMPO (Scenas do Minho)** III Antonio Fogueira, Morte Negra, Enterro de um cão, O Embarcadico e o Rei Absoluto, por Teixeira de Queiroz. Um vol. de 194 pag. in 8º, editor David Corazzi, Lisboa.

Para quem conhece as deliciosas narrativas de Bento Moreno nos primeiros dois volumes da *Comedia do Campo*, é escusado exalçar estas que compõem o volume III. O sabor portuguez d'estes livros, em que o seu auctor nos descreve os costumes nacionaes, sem francezismos, copiando do

natural, com o espirito de observador que sabe vêr, apresentando os typos com a linguagem propria, com as suas paixões naturaes, sem falsidades que desmanchem o caracter dos personagens,

intelligencias, formam um ramilhete do mais suave perfume, pelo merito de cada um de seus ramos e pela escolha e mimo dos assumptos. *Os seis companheiros invenciveis; a mesa, o burro*

*e o cacete maravilhoso; as valentias de Julião; os musicos do Zebreal; A menina caridosa, singel-la e ao mesmo tempo esplendida exaltação da caridade; as felicidades de Bonifacio, em que este simples se desfaz de tudo quanto pode ter algum valor e fica sem nada, muito alegre e contente; o alfaiate e o sapateiro, onde se apresenta o antagonismo do bom e do mau homem, ficando aquelle glorificado e este corrido; as tres galinhas, no qual se estigmatiza e castiga a vaidade, e se exalta a modestia; O urso e a carriça, exemplo energico do que podem os pequenos pela intelligencia, contra o desprezo e arrogancia dos grandes; e se nos demoramos synthetisamos o livro, tanto é o gosto que nos deu a sua leitura, e por isso avaliamos o que sentirão ao*



CASA ONDE FALLECEU O MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA, DEMOLIDA PARA A ABERTURA DA AVENIDA DA LIBERDADE (Desenho do natural por Cazellas)

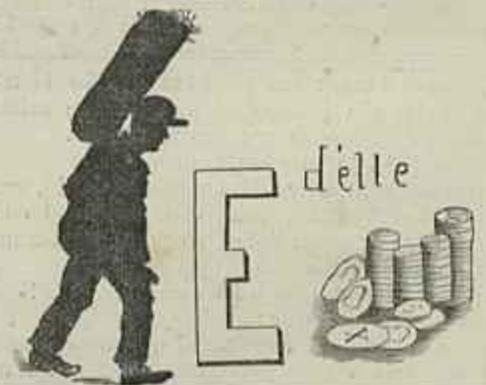
são qualidades, tanto para apreciar hoje, em a nossa litteratura, que isto bastava para dar á *Comedia do Campo* um lugar distincto. Devemos, porém, notar a habilidade com que o auctor concilia a verdade da observação, com o bom gosto da forma, conseguindo d'este modo que as suas narrativas sejam um perfeito modelo no genero.

A **VOLTA DO MUNDO, Jornal de Viagens e assumptos Geographicos** Directores Litterarios Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empresa Litteraria Luso-Brazileira, editora, Lisboa, N.º 5 de 1 de Março, com bellas gravuras e escolhida collaboração litteraria.

**CONTOS PARA OS NOSSOS FILHOS, colleccionados e traduzidos por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e Goncalves Crespo** — Editores, Portugal — Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada 347, 1.º, Porto — Brazil — Pinto & C.ª, rua Larga do Rosario, 24 A, Pernambuco — 1882 — 8.º de IV — 269 pag. — É grato vêr dois espiritos elevados que a mutua afeição ligou na vida, unirem-se na mesma aspiração litteraria, e olhando os filhos que sorriem no berço, ou folgam buliçosos em torno do estrado materno, pensarem nos entretenimentos mais suaves com que lhes hão-de ir dirigindo a imaginação e lançando no coração o germen da moral simples, facil e toda amor. Esses ligeiros contos, graciosos, singelamente referidos, n'uma linguagem ao alcance de todas as

lê-lo, aquelles para quem é destinado. Mais livros como estes é o que desejamos ver todos os dias.

#### ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Pedro Nunes falleceu 6 annos antes de Camões.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMENT FRÈRES, Typ. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 6

#### VIAGEM Á RODA DA PARVONIA PELO COMMENDADOR GIL VAZ

Anotado pelos principaes escriptores.  
Illustrações de Manuel do Macedo  
A obra de mais fina critica dos tempos modernos.

À VENDA  
NA  
EMPRESA DO OCCIDENTE  
PREÇO 500 RÉIS  
Envia-se para as provincias franco de porte.

#### ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL  
PUBLICADO PELA EMPRESA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lithographia  
É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO EM LISBOA. 240 RÉIS

À venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.

#### CAPAS CARTONADAS PARA ENCADERNAÇÃO DO

#### OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 1\$200 réis.